

# Um Olhar

*Elisabete Coimbra Cerqueira<sup>1</sup>*

Quem não compreende um olhar, tampouco compreenderá uma longa explicação! (Mario Quintana)

O mundo se comunica através do olhar. Os sujeitos falam com o olhar. Então, o que é olhar? Olhar não se limita ao ver. Olhar é perceber os detalhes particulares através da visão. Olhar é sintonizar com o inconsciente, que é o lugar das fantasias, das lembranças encobridoras, das angústias, dos desejos, dos sintomas, dos lapsos, dos sonhos e de muito mais acontecimentos percebidos, de acordo com as diferenças de cada sujeito. Esse olhar, na singularidade de cada sujeito, pode ser como ato de olhar, ou como satisfação proporcionada pelo ato de olhar. Assim constata-se:

Por um lado, a diferença entre olhar e visão, e eu acrescentaria: a diferença entre olhar e visão e a fascinação.

Por outro lado, vemos que dentro do mesmo termo, “olhar”, existem dois sentidos que comumente se confundem na língua:

[...] o olhar enquanto ato perceptivo de fitar. [...] “captar com o olhar, lançar um olhar”; há algo do movimento ativo, há algo da ação, do ato.

[...] o olhar enquanto satisfação do ato. Não mais o ato, porém a satisfação dele mesmo. [...] “olhares expressivos”, olhares que mar-

---

<sup>1</sup> Elisabete Coimbra Cerqueira. Mestre em Literatura Brasileira(CES-JF). Psicóloga Clínica, Pedagoga e Psicopedagoga Institucional Sociopsicomotricista Raimon-Thiers.

cam tal ou qual coisa, tal ou qual sentimento, tal ou qual posição subjetiva. “O olhar já não é a ação, é o peso tensional, subjetivo; eu o chamaria de satisfação que está implícita no ato de olhar”<sup>2</sup>.

Rubem Alves, na sua literatura propõe diálogos, que combinam com o seu próprio olhar, numa linguagem diferenciada, que comunica e desperta nos sujeitos a sensibilidade e o pensamento. Propõe naturalmente traduzir para todas as idades, as dificuldades e facilidades experimentadas na vida. A tentativa é de ampliação dos momentos vividos pelos sujeitos e ainda, de libertação das imagens infantis percebidas desde o nascimento. Ampliar a capacidade de olhar favorece o enfrentamento dos tempos de dor e dos tempos de amor.

O poder das palavras é eterno e os significados das mesmas se estrutura como linguagem, condição fundamental na comunicação. Essa construção acompanha o sujeito, em todos os seus confrontos, produções, contradições, enfrentamentos dependendo do contexto.

As palavras originalmente eram mágicas e até os dias atuais conservaram muito do seu antigo poder mágico. Por meio de palavras uma pessoa pode tornar outra jubilosamente feliz ou levá-la ao desespero, por palavras o professor veicula seu conhecimento aos alunos, por palavras o orador conquista seus ouvintes para si e influencia o julgamento e as decisões deles. Palavras suscitam afetos e são, de modo geral, o meio de mútua influência entre os homens<sup>3</sup>.

Rubem Alves parece tentar libertar os sujeitos, com as suas escrituras e palavras buscando iluminar a vida de cada leitor, pois palavras são doces ou são amargas e, podem se tornar poderosas. Desta forma um pouco do homem:

O Rubem Alves é um homem que gosta de ipês amarelos... . A resposta do menininho me deu grande felicidade. Ele sabia das coisas. As pessoas são aquilo que amam.

<sup>2</sup> NASIO, Juan David. *O Olhar em psicanálise*. In: RIBEIRO, Vera (Trad.). Rio de Janeiro: Zahar, 1995, 1995, p.13.

<sup>3</sup> FREUD, Sigmund. *Obras completas de Sigmund Freud*. Vol. XV. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1980, p. 29.

Mas o menininho não sabia que sou um homem de muitos amores... Amo os ipês, mas amo também caminhar sozinho. Muitas pessoas levam seus cães a passear. Eu levo meus olhos a passear. E como eles gostam! Encantam-se com tudo. Para eles, o mundo é assombroso. Gosto também de banho de cachoeira (no verão...), de vento na cara, do barulho das folhas dos eucaliptos, do cheiro das magnólias, de música clássica, de canto gregoriano, do som metálico da viola, de poesia, de olhar as estrelas, de cachorro, das pinturas de Vermeer (o pintor do filme *moça com brinco de pérola*), de Monet, de Dali, de Carl Larsson, do repicar de sinos, das catedrais góticas, de jardins, da comida mineira, de conversar em volta da lareira<sup>4</sup>.

E ainda declara:

Minha vida... se divide em três fases. Na primeira, meu mundo era do tamanho do universo e era habitado por deuses, verdades e absolutos. Na segunda fase meu mundo encolheu, ficou mais modesto e passou a ser habitado por heróis revolucionários que postavam armas e cantavam canções de transformar o mundo. Na terceira fase, mortos os deuses, mortos os heróis, mortas as verdades e os absolutos, meu mundo se encolheu ainda mais e chegou não à sua verdade final mas à sua beleza final: ficou belo e efêmero como uma jabuticabeira florida<sup>5</sup>.

Alves revela que escreve para fazer ver. [...] Os olhos são a porta pela qual a beleza entra na alma. Meus olhos se espantam com tudo<sup>6</sup>. O espanto se dá pela magia do pensamento, que acessa os campos mais profundos de cada sujeito, as suas observações, os seus interesses, a sua capacidade de percepção e os seus segredos. A psicanálise confirma:

Numa palavra, a visão se liga – à percepção das imagens efetuada por um ser imaginário – o eu –, alienado no imaginário. Mas ocorre que nem todas as imagens captadas pelo eu são equivalentes. O eu não acolhe, não recebe, não percebe todas as imagens. [...] o eu

<sup>4</sup> ALVES, Rubem. *Pimentas*: para provocar um incêndio, não é preciso fogo. São Paulo: Planeta do Brasil, 2012, p. 77.

<sup>5</sup> ALVES, Rubem. *Do universo à jabuticaba*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2010, p. 11.

<sup>6</sup> ALVES, 2012, p. 80.

não percebe imagens quaisquer, percebe apenas aquelas em que se reconhece. Ou seja, o eu percebe imagens pregnantes, imagens que, de longe ou de perto, reflitam o que ele é, essencialmente<sup>7</sup>.

O olhar é uma manifestação inconsciente. É uma ação de cegueira consciente que confunde com a visão. O olhar é invisível e capta o que se vê. O olhar penetra nos lugares mais profundos dos sujeitos e os convoca à luz.

Geórgia O'keeffe foi uma pintora norte-americana. Seus quadros são assombrosos! Por que seus olhos são assombrosos! “Ninguém vê uma flor, realmente”, ela observou certa vez. “A flor é tão pequena... Não temos tempo e o ato de ver exige tempo, da mesma forma como ter um amigo exige tempo.” O ver, como fenômeno físico, acontece instantaneamente. Basta abrir os olhos... A luz toca a retina e a imagem se forma nalgum lugar do cérebro. Igual ao que acontece com a máquina fotográfica. Mas há um outro ver que não é coisa dos olhos. Como quando se contempla uma criança adormecida. A visão de uma criança adormecida nos acalma. Faz-nos meditar. O olhar se detém. Acaricia vagarosamente. O olhar se torna, então, uma experiência poética da felicidade. Sentimos que a criança que vemos dormindo no berço dorme também na nossa alma. E a alma fica tranquila, como a criança. É por isso que, mesmo depois de apagada a luz, ida a imagem física, vai conosco a imagem poética como uma experiência de ternura<sup>8</sup>.

A psicanálise explora as questões inconscientes e trabalha com a linguagem para aproximar a visão do olhar, na singularidade dos sujeitos. Com a vantagem de reviver e viver o romance familiar e os seus segredos, a psicanálise com as suas observações, hipóteses e intervenções, tenta esclarecer, com a sua forma fundamental de associar livremente, a individualidade de cada sujeito e os seus percursos. Observa-se que:

Cada vez que estamos na ordem da palavra tudo que instaura na realidade outra realidade, no limite, só adquire sentido e ênfase

<sup>7</sup> NASIO, 1995, p. 21.

<sup>8</sup> ALVES, Rubem. *Ostra feliz não faz pérola*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2008, p. 36.

em função dessa ordem mesma. Se a emoção pode ser deslocada, invertida, inibida, se está engajada numa dialética, é que está presa na ordem simbólica, donde as outras ordens, imaginária e real, tomam lugar e se ordenam<sup>9</sup>.

[...] Uma palavra não é palavra a não ser na medida exata em que alguém acredita nela<sup>10</sup>.

[...] A palavra não tem nunca um único sentido, o termo, um único emprego. Toda palavra tem sempre um mais-além, sustenta muitas funções, envolve muitos sentidos. Atrás do que diz um discurso, há o que ele quer dizer, e atrás do que quer dizer, há ainda um outro querer-dizer, e nada será nunca esgotado – se não é que se chega ao fato de que a palavra tem função criadora e faz surgir a coisa mesmo, que não é nada senão o conceito<sup>11</sup>.

Os sujeitos necessitam escutar uma linguagem que venha do coração. Assim poderão desenvolver a auto-estima, a capacidade de trabalhar, o enfrentamento das perdas, as frustrações, o estresse, o diálogo, o ouvir e muitas outras qualidades. Alves confessa a grandeza do seu olhar através do texto A MORTE DO IPÊ:

Ver é muito complicado. Isso é estranho porque os olhos, de todos os órgãos dos sentidos **são os de mais fácil compreensão científica. A sua física é idêntica à física ótica de uma máquina fotográfica: o objeto do lado de fora aparece refletido do lado de dentro. Mas existe algo na visão que não pertence à física. William Blake sabia disso e afirmou: “A árvore que o sábio vê não é a mesma árvore que o tolo vê”**. Sei isso por experiência própria. Quando vejo os ipês floridos sinto-me como Moisés diante da sarça ardente: ali está uma epifania do sagrado. Mas uma mulher que vivia perto da minha casa decretou a morte de um ipê que florescia à frente de sua casa, porque ele sujava o chão, dava muito trabalho para a sua vassoura. Seus olhos não viam beleza. Só viam o lixo<sup>12</sup>.

<sup>9</sup> LACAN, Jacques. *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud, 1953-1954*, texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. In: MILAN, Betty (Trad.) 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009, p. 310.

<sup>10</sup> LACAN, 2009, p. 311.

<sup>11</sup> LACAN, 2009, p. 314.

<sup>12</sup> ALVES, Rubem. *Do universo à jabuticaba*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2010, p. 224.

Ao entrar em contato com escritos sejam de autores conhecidos, ou de autores desconhecidos, encontramos nas palavras, experiências vividas, em cenários infantis que podem trazer paz ou tormento emocional. Cenários infantis são eternos. Uma única palavra pode simbolizar **épocas** e variações infinitas. Palavras possuem tonalidade, surpresas, peso e saberes. Palavras podem desafinar. Palavras tocam a alma, como estas de Santo Agostinho, transcritas por ALVES<sup>13</sup>:

Perguntei à terra,  
Perguntei ao mar e profundezas,  
entre os animais viventes às coisas rastejam.  
Perguntei aos ventos que sopram aos céus,  
ao sol, à lua, às estrelas,  
e a todas as coisas que se encontram às portas da minha carne...  
Minha pergunta era o olhar com que as olhava.  
Sua resposta era a sua beleza...

Olhar e identificar uma enorme emoção retratada, através da simplicidade de Rubem Alves, ilumina a vida, porque confirma a profundidade desse SER. A arte, a magia e a beleza do seu viver mostram a fotografia da sua alma...

### Referências Bibliográficas

- ALVES, Rubem. *Ostra feliz não faz pérola*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2008.
- ALVES, Rubem. *O sapo que queria ser príncipe* [adolescência e juventude]. São Paulo: Planeta do Brasil, 2009.
- ALVES, Rubem. *Do universo à jabuticaba*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2010.
- ALVES, Rubem. *Pimentas: para provocar um incêndio, não é preciso fogo*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2012.
- FREUD, Sigmund. *Obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1980.

---

<sup>13</sup> ALVES, 2010, p. 93.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud, 1953-1954*, texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. In: MILAN, Betty (Trad.) 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

NASIO, Juan David. *O Olhar em psicanálise*. In: RIBEIRO, Vera (Trad.). Rio de Janeiro: Zahar, 1995.